

Jovens imaginários e cinema amador: imagens do moderno em Goiás¹

Lara Damiane de Oliveira Estevão²
Universidade Federal de Goiás, Goiás, GO.

RESUMO

Em 1968 o filme goiano *A fraude* estreou no IV Festival de Cinema Amador do Jornal do Brasil. O curta-metragem, dirigido por Jocelan Melquíades de Jesus, tematiza o subdesenvolvimento e apreende o imaginário de uma parte da juventude goiana frente aos desdobramentos do regime militar. Este trabalho investiga, através da análise fílmica, como o filme se insere no contexto do cinema brasileiro moderno, colocando a cinematografia goiana em um panorama mais geral da produção cinematográfica do país.

PALAVRAS-CHAVE: cinema goiano; cinema moderno; cinema brasileiro; ditadura militar; história do cinema.

CORPO DO TEXTO

A década de 1960 marca o início do cinema de ficção no estado de Goiás. No ano de 1968, três filmes de ficção foram filmados no estado: o longa-metragem *O diabo mora no sangue*, dirigido por Cecil Thiré e os curtas-metragens amadores *Antolhos*, dirigido por Silas Metran Curado e *A fraude*, dirigido por Jocelan Melquíades de Jesus, ambos realizados para o IV Festival de Cinema Amador do Jornal do Brasil.

É o filme *A fraude* que se apresenta como objeto de interesse deste trabalho. Jocelan era um jovem goiano, estudante de cinema na Escola Superior de Cinema de São Luis. O filme narra a história de Luiz, um jovem estudante que presta o vestibular para medicina na Universidade Federal de Goiás (UFG), mas é considerado um excedente – nome dado aos vestibulandos com nota suficiente no processo seletivo para serem aprovados, porém que excediam o número de vagas. Segundo a história do cinema goiano até o momento (BENFICA e LEÃO: 1995; SILVA, 2018), o filme retrata acontecimentos reais, uma vez que após o vestibular de medicina 1968 da UFG, os estudantes goianos denunciaram haver uma fraude no processo seletivo.

Neste trabalho, analisamos *A fraude* no intuito de entender como o filme

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Análise Fílmica e Estilo Cinematográfico, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 5 a 7 de junho de 2024.

² Bacharela em Cinema e Audiovisual pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás.

amador construiu uma imagem da mobilização dos estudantes goianos em torno do vestibular da Faculdade de Medicina em 1968. A hipótese é que o filme não se reduz a retratar os acontecimentos, mas sim se utiliza da denúncia de fraude encabeçada pelos estudantes para tomar um posicionamento sobre os conflitos que, durante os primeiros anos do regime militar, colocaram-se como motor da revolta estudantil no país. *A fraude* expressa a compreensão de um grupo de jovens sobre um problema de seu tempo através do cinema: o subdesenvolvimento. No filme, essa compreensão é construída pelos traços narrativos, estéticos e estilísticos que já se configuravam como uma forte tendência cinematográfica na década de 1960: o cinema moderno.

No cinema “a ideia de modernidade [...] significa o desejo de ser contemporâneo, de aderir a seu tempo e de esclarecê-lo” (AUMONT, 2008, p. 49). Desde o final da década de 1950, o cinema brasileiro moderno configurou-se como um “movimento plural de estilos e ideias que, [...], produziu aqui a convergência entre a ‘política de autores’, os filmes de baixo orçamento e a renovação da linguagem” (XAVIER, 2001, p. 14), tendo como desdobramentos o Cinema Novo e o Cinema Marginal. No Cinema Novo, os cineastas tomaram “a prática do cinema como instância de reflexão e crítica” (XAVIER, 2001, p. 14). Com os desdobramentos do golpe civil-militar de 1964, os cineastas brasileiros construíam novos esquemas de representação, aproximando cada vez mais o universo ficcional das suas próprias realidades. O Cinema Marginal, por sua vez, ao final da década de 1960, introduziu no cinema brasileiro moderno a experimentação, a fragmentação, a exasperação e a estética da colagem.

No ano de 1965, logo após a implementação do Regime Militar, surgiu no Rio de Janeiro o Festival de Cinema Amador Jornal do Brasil, constituindo-se como ponto de encontro entre uma geração de jovens, que por todo o país, influenciados pelo cinemanovismo e apontando para a tendência de um cinema mais experimental, tomaram o cinema como uma ferramenta de luta política. Como afirma Foster, “o festival recebeu muitos filmes que dariam imagem ao clima sufocante que passava a tomar conta do país.” (2021, p. 36). *A fraude* parece inscrever-se nesse contexto de produção cultural, catalisando o imaginário de um grupo de jovens estudantes que se envolveram na produção do filme sobre um problema social próximo da sua realidade.

A fraude apreende a questão universitária no regime militar. No ano de 1967, as rebeliões estudantis cresciam, tendo como o problema dos excedentes uma das

questões centrais e denunciando a aproximação entre o MEC e a USAID – que demonstrava a subserviência da ditadura ao imperialismo norte-americano. A urgência da ação política nesse contexto engendra a narrativa do filme. *A fraude* é marcado pela proximidade do protagonista Luiz com os personagens cinemanovistas tomados por uma crise de consciência, particular da segunda fase do “Cinema Novo maduro” (RAMOS, 2018). O estudante, que prestou o vestibular mas tornou-se um excedente, representa uma classe média que não consegue se desenvolver, aprisionada pelo subdesenvolvimento – diagnóstico da realidade brasileira já presente nos filmes cinemanovistas. O filme adere a um estilo que oscila entre a apropriação da linguagem do cinema direto pela ficção, a experimentação e o uso de alegorias.

O filme é marcado pela linguagem e pelas temáticas que tomam o cinema brasileiro moderno, situando-se em um lugar entre o Cinema Novo e o Cinema Marginal. As escolhas estéticas, o diagnóstico do subdesenvolvimento, o tom de denúncia, a crise de consciência do personagem engajado e o recurso da alegoria são utilizados no filme, colocando-o em consonância com a experiência cinematográfica brasileira da década de 1960. Através de *A fraude* é possível perceber que os filmes realizados em Goiás inscrevem-se num contexto muito mais amplo da cinematografia brasileira, operando representações de processos específicos do estado, mas de acordo com os modelos de representação já estabelecidos no cinema brasileiro.

REFERÊNCIAS

AUMONT, Jacques. **Moderno?** Por que o cinema se tornou a mais singular das artes. São Paulo: Papirus, 2008.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **A análise do filme**. Rio de Janeiro: Texto e Grafia, 2010.

FOSTER, Lila Silva. **Matizes da cultura jovem:** imagens e imaginários em torno do Festival Brasileiro de Cinema Amador JB/MESBLA. Estudos Históricos [Recurso Eletrônico]. Rio de Janeiro, v.34, n.72, jan./abr. 2021.

LEÃO, Beto; BENFICA, Eduardo. **Goiás no século do cinema**. Goiânia: Kelpes, 1995.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **As universidades e o regime militar**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

RAMOS, Fernão; SCHVARZMAN, Sheila (Org.). **Nova história do cinema brasileiro**, volume 2. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018.

SILVA, T.H.Q. **Cinema em Goiás: quando tudo começou...** (1960-1970). 2018. 128 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2018.

XAVIER, Ismail. **Cinema Moderno Brasileiro**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.